

# Votação lenta e eleição esvaziam o Congresso

BRASÍLIA — O impasses nas negociações da política salarial e as votações lentas do Congresso Nacional deixaram os parlamentares irritados durante toda a semana e precipitou o esvaziamento da última sessão legislativa antes do recesso, sexta-feira passada. A razão era a campanha para as eleições de outubro: os parlamentares se sentiam presos em Brasília enquanto seus adversários estavam nas bases conseguindo votos.

Na sexta-feira, o Deputado Gastone Righi perdeu a paciência com as lideranças do Governo.

— Ora, fechamos um acordo, eles não garantiram a manutenção. Eu vou para o meu Estado ficar ao lado de meus eleitores — disse Gastone Righi, poucos antes de embarcar para São Paulo.

Ele era o autor da proposta que corrigia trimestralmente os salários na faixa até três mínimos e concedia o reajuste semestral para

quem recebe até seis salários mínimos.

Nem mesmo o Líder do Governo, Deputado Renan Calheiros (PRN-AL), candidato ao Governo do Estado, se mostrava satisfeito com o andamento dos trabalhos. Na quinta-feira à noite, depois de participar de reunião com os governistas até 1 hora, Renan desabafava:

— Eu estou com uma campanha para o Governo e ainda não pude passar sequer três dias seguidos em Alagoas, porque tenho que participar ativamente de todas as negociações. Não posso sequer desviar a atenção para atender telefonemas.

A mesma irritação manifestavam os deputados presentes à sessão de quinta-feira à noite na Câmara, que durou 11 horas. Enquanto o Deputado José Genoíno atacava o projeto de plano de carreira dos servidores da Câmara, que permite a mudança de um nível para outro sem concurso público, os 210 deputados que aguardavam a votação estavam aos berros:

davam a votação estavam aos berros:

— Chega, vamos votar, queremos ir embora.

O tempo passava e dos 405 parlamentares que registraram presença na quinta-feira de manhã, ficaram apenas 225 na sessão da noite. Sexta-feira de manhã, a sessão não teve 260 presenças. Apenas os senadores — que teriam que votar a lei salarial à tarde — continuavam no Congresso. Na Câmara — que realizara a última sessão de manhã — havia menos de cem parlamentares na parte da tarde, entre eles, os líderes partidários da Oposição que pressionavam a aprovação da política salarial no Senado sem qualquer alteração. As 19 horas, o plenário se esvaziara mais ainda.

— Sessão do Congresso, só se for no aeroporto — ironizava o Deputado Paulo Delgado (PT-MG), que aguardara até o início da noite pela votação da LDO.